

Um possível diálogo entre a Linguística da Enunciação e a Ecolinguística /

Possible Dialogues Between Enunciation Linguistics And Ecolinguistics

Mayara Macedo Assis^{1*}

Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação na área de Linguística Ecolinguística.

 <https://orcid.org/0000-0002-7579-252>

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto^{2**}

Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP), atual professora Associada da Universidade Federal de Goiás (UFG). Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, com trabalhos na área de Linguística Ecolinguística.

 <https://orcid.org/0000-0002-0987-844>

Recebido em: 02 mai. 2022. **Aprovado em:** 18 jul. 2022.

Como citar este artigo:

ASSIS, Mayara Macedo; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. Um possível diálogo entre a Linguística da Enunciação e a Ecolinguística. *Revista Letras Raras*, p. 110-122, v. 11, n. 3, out. 2022.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo uma análise dos possíveis diálogos entre a Linguística da Enunciação e a Ecolinguística, considerando-se principalmente os estudos de Benveniste e Bakhtin, no campo da Enunciação, e Couto, no campo da Ecolinguística, sobretudo a Linguística Ecolinguística. Propõe-se essa inter-relação visto que ambos os campos representaram uma grande mudança no que se vinha fazendo até seu surgimento, oferecendo novas formas de se estudar e enxergar os fenômenos linguísticos, portanto, apresentam alguns pontos em que diferem e outros que têm em comum. Assim, pode-se notar a presença de traços das teorias da enunciação nos pressupostos da Ecolinguística/Linguística Ecolinguística, apesar desta ter reelaborado os conceitos e apresentado uma perspectiva reformulada. A relação entre os campos teóricos se dá no que tange à ecologia da interação

1*

mayaramacedo97@gmail.com

2**

kiokoelza@gmail.com

comunicativa. Porém, a Linguística Ecológica inova mais no sentido de olhar para seu objeto em sua integralidade e não ver a língua como realização de um sistema que produz um texto, mas como interação (comunicativa) entre duas pessoas. Enfatiza-se o todo da interlocução, não apenas seu produto.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Ecolinguística; Linguística Ecológica; Língua como interação.

ABSTRACT

This article aims to analyze the possible dialogues between Enunciation Linguistics and Ecolinguistics, considering mainly the studies of Benveniste and Bakhtin, in the field of Enunciation, and Couto, in the field of Ecolinguistics, especially Ecosystemic Linguistics. This interrelation is proposed since both fields represented a great change in what was being done until their emergence, offering new ways of studying and seeing linguistic phenomena, therefore, they present some points in which they differ and others that they have in common. Thus, one can notice the presence of enunciation theories traces in the presuppositions of Ecolinguistics/Ecosystemic Linguistics, despite the fact that the latter has reworked the concepts and presented a reformulated perspective. The relationship between the theoretical fields is related to the ecology of communicative interaction. However, Ecosystem Linguistics innovates more in the sense of looking at its object in its entirety and not seeing language as the realization of a system that produces a text, but as a (communicative) interaction between two people. The whole of the dialogue is emphasized, not just its product.

KEY-WORDS: Enunciation; Ecolinguistics; Ecosystemic Linguistics; language as interaction.

1 Introdução

Este trabalho propõe um diálogo entre duas teorias distintas que apresentam alguns pontos em comum, a Linguística da Enunciação e a Linguística Ecológica – que é uma vertente da Ecolinguística. Ambos os campos teóricos avançam em relação aos modelos vigentes até o período em que foram propostos, portanto, trazem uma nova perspectiva dentro do estudo dos fenômenos linguísticos.

A Linguística da Enunciação tem as suas raízes nos estudos da Retórica, da Gramática Tradicional e da Lógica. Tais campos não consistiram em estudos enunciativos, mas iniciaram as preocupações que posteriormente dariam origem à Linguística da Enunciação. Conforme será melhor explicado na próxima seção, fala-se em Teorias da Enunciação e em Linguística da Enunciação, evidenciando que a unicidade conceitual é uma ilusão, visto que a linguística não é homogênea, existe uma diversidade epistemológica que nos permite, inclusive, encontrar inter-relações com outras áreas.

Propõe-se aqui a busca das similaridades entre a Linguística da Enunciação e a Linguística Ecológica, área um pouco mais recente dentro dos estudos linguísticos, mas que vem cada vez mais se desenvolvendo e ganhando destaque. Ambas, em seu contexto, avançaram em relação aos modelos de análises vigentes no momento em que surgiram. A Linguística da Enunciação o faz porque “consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito” (FLORES,

2017, p. 12). A Linguística Ecológica, por sua vez, porque traz uma visão holística e ecológica ainda não considerada anteriormente nos estudos da linguagem, partindo do conceito de ecossistema e enfatizando a interlocução, não seu produto, explicitando o fluxo interlocucional entre pessoa₁ e pessoa₂. O sistema é inferido dos diversos fluxos interlocucionais que se deram ao longo do tempo.

2 Breve Contextualização da Linguística da Enunciação

Ao se falar em Linguística da Enunciação, em primeiro lugar é preciso diferenciar que existem diversas perspectivas dentro do campo; há Teorias da Enunciação, no plural, que possuem pontos em comum, dentro da Linguística da Enunciação, no singular. A origem da área remonta a Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (CLG) publicado em 1916 (FLORES, 2017). Mesmo que o famoso genebrino não tenha se dedicado aos estudos enunciativos, “todos os autores da enunciação se reportam à famosa dicotomia langue/parole, à noção de sistema e à de valor. É também verdade que esses conceitos/noções foram reinterpretados, modificados e mesmo alargados no quadro das teorias enunciativas” (TEIXEIRA; FLORES, 2011, p. 407).

Diversos autores dedicaram-se aos estudos enunciativos, tendo destaque nomes como: Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin e Oswald Ducrot. A enunciação é a apropriação que o locutor faz da língua para falar (FLORES, 2017). De modo geral, a linguística da enunciação volta o seu olhar para estudo do ato do dizer, ou seja, o irrepitível, pois a língua é vista nas suas condições singulares, ou seja, no contexto específico do eu-tu-aqui-agora. Dessa forma, ela evidencia a relação singular do sujeito com a língua. Serão enfocados aqui os pressupostos de Benveniste e Bakhtin, devido ao destaque que esses autores recebem na área. Os demais serão mencionados sucintamente a título de complementação.

O nome de Émile Benveniste (1902-1976) tem certo peso na área não devido ao seu pioneirismo, visto que Bally o antecede temporalmente, mas devido à amplitude de suas considerações, que foram inovadoras e abriram novos caminhos em direção a perspectivas linguísticas diferentes. Segundo Flores (2017), Benveniste produziu suas reflexões em um contexto adverso: o apogeu do estruturalismo, no qual a enunciação era vista com desconfiança, pois se acreditava que os fatores tidos como extralinguísticos não contribuíam para a visão estrutural da língua.

A língua era vista meramente como um sistema, ou seja, uma organização de elementos semelhantes que obedecem a princípios de funcionamento. Foi a partir do estruturalismo que a linguística ganhou o *status* de estudo científico. Para delimitar o seu objeto de estudo, Saussure propôs a dicotomia língua e fala, na qual a língua seria um sistema homogêneo e a fala um ato individual de realização da língua sujeito a fatores externos. Dessa forma, segundo o autor, apenas a língua poderia ser estudada cientificamente.

Benveniste conserva concepções do estruturalismo saussuriano, mas ao mesmo tempo vai além; dessa forma, contribuiu para a expansão desse paradigma linguístico estabelecido por Saussure. O autor não se dedica a estudar aquilo que ficou inconcluso no CLG, ou seja, a Linguística da Fala, pois não estuda o que é irregular ou individual, mas sim passa a considerar o que Saussure delimitou como sendo fatores externos à língua. Em suas obras *Problemas de Linguística Geral I* (1976) e *Problemas de Linguística Geral II* (1989), propõe um estudo sobre as marcas da subjetividade da enunciação no enunciado. Em outras palavras, estuda as marcas do sujeito no enunciado e não o sujeito em si, pois seu interesse é o sentido.

Ele deixa de opor a língua à fala e passa a enxergar como a língua comporta a fala e vice-versa: “o *aparelho formal da enunciação* apaga as fronteiras entre língua e fala, visto que os elementos que o constituem pertencem, concomitantemente, aos dois níveis” (FLORES, 2017, p. 42). Essa articulação é percebida na própria definição que o autor dá de enunciação: “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82), o que implica que a fala é “realização” da língua, não que a língua está contida na fala, como sempre enfatizou Eugenio Coseriu – um dos precursores da Ecolinguística – e como é parte da Linguística Ecolinguística. Como se pode ver em Couto (2015, 2021) e nas demais publicações sobre LE, o núcleo da língua é a interação comunicativa, o que implica que a “língua” é parte da “fala”, ou que as regras sistêmicas são parte das regras interacionais, fato aparentemente ainda não explicitado. De qualquer forma, língua e fala não são mais encaradas separadamente de modo excludente, apenas Linguística da Língua ou Linguística da Fala, mas sim articuladas como um objeto único na Linguística da Enunciação.

Considerar a fala foi um ganho para os estudos linguísticos, visto que permitiu integrar também outras questões, como a irrepetibilidade da língua, o sujeito que enuncia (logo, a subjetividade) e o contexto (cenário, espaço, tempo etc.). No que diz respeito à subjetividade e intersubjetividade,

tais conceitos são compreendidos por meio dos pronomes pessoais e da dêixis. O autor trabalha as categorias de pessoa em termos de subjetividade. Para ele, o “eu” é pessoa subjetiva, o “tu” é pessoa não subjetiva e o “ele” é não pessoa. A dêixis, por sua vez, refere-se aos signos que fazem referência à instância do discurso, que só podem ser apreendidos na enunciação (FLORES, 2017). Ducrot, por sua vez, na sua teoria polifônica, procura mostrar que o autor de um enunciado não se expressa diretamente, mas põe em cena certo número de vozes, de pontos de vista. O sentido do enunciado, assim, resulta do confronto entre esses diferentes pontos de vista. Tal pressuposto nos remete ao dialogismo de Bakhtin (1895-1975), cujo contexto se difere daquele no qual se insere Benveniste, visto que o chamado Círculo de Bakhtin – grupo de intelectuais russos que se reuniam para discutir temas filosóficos, linguísticos e literários – critica vários princípios estruturalistas. Ainda assim, “mesmo que efetivamente haja oposição marcada à linguística saussuriana, as ideias do Círculo sobre a linguagem trazem elementos que, de algum modo, contribuem para o estabelecimento de uma linguística da enunciação” (FLORES, 2017, p. 45).

O Círculo de Bakhtin enxergava a linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo, distanciando-se da abordagem proposta por Saussure (PAULA, 2013). A linguagem é atravessada por diversos discursos sociais que ora convergem, ora divergem entre si, numa relação dialógica que contempla também a dimensão ideológica e social da linguagem. Essa relação dialógica faz com que haja uma conexão entre ideias, pessoas e textos, o dialogismo. Sendo toda enunciação de natureza social, o que um enunciador diz não pertence só a ele, daí o dialogismo. Nisso a LE difere, pois parte do diálogo com interlocução entre duas pessoas, não, por exemplo, de intertextualidades e interdiscursividades.

A teoria de Bakhtin possui também um viés ideológico, visto que, para ele, a linguagem não só é dialógica como ideológica, ou seja, as palavras não são neutras, mas sim carregadas de valor. Dessa forma, um signo veicula ideologias do cotidiano e ideias de determinado grupo social. Tal perspectiva relaciona-se com o marxismo, daí a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicada em 1929, pois o marxismo vê os processos e relações que se estabelecem dentro de uma sociedade de forma dialética, ou seja, nunca ocorrem em um único sentido, mas sim se inter-relacionando. Sendo assim, a linguagem é a arena na qual as relações dialéticas se concretizam através do signo (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

3 Pressupostos da Ecolinguística/Linguística Ecolinguística

A Ecolinguística é um ramo no campo dos estudos da linguagem introduzido no Brasil por Couto (2007). Tem como precursores estudiosos como Alwin Fill, Adam Makkai e Einar Haugen, sendo este último considerado o pai da Ecolinguística. Edward Sapir foi o primeiro a estabelecer uma relação entre língua e meio ambiente, em 1911, mas é com Einar Haugen, em 1972, que são fundadas as bases da Ecolinguística. A disciplina se consolida de forma definitiva, entretanto, com a publicação de duas introduções à Ecolinguística, em 1993, uma de Alwin Fill (na Alemanha) e outra de Adam Makkai (na Inglaterra).

No Brasil, a disciplina é chamada de Linguística Ecolinguística e é praticada principalmente no eixo Brasília-Goiânia. Ela consiste no estudo das interações que se dão nos ecossistemas linguísticos. Ela pode se voltar a questões ambientais, porém, também é aplicada a qualquer fenômeno da linguagem, pois meio ambiente se refere ao *locus* das interações comunicativas, e não a meio ambiente no sentido do ambientalismo.

Para a Ecolinguística, mais especificamente a Linguística Ecolinguística (LE), a língua não é considerada um instrumento para a comunicação, mas sim a própria interação (comunicativa), a comunicação. Existem dois tipos de interação: pessoa-mundo, que corresponde à referência, e pessoa-pessoa, que corresponde à comunicação. Tais interações são análogas às interações organismo-organismo e organismo-*habitat* no ecossistema biológico. “Essas duas interações formam as duas faces da língua [...] Afinal, nós comunicamos referindo-nos a algo e referimos a algo comunicando” (COUTO, 2017, p. 51).

Ecossistema, por sua vez, é um termo que não é utilizado na LE como metáfora, mas sim no seu sentido literal, visto que a LE não utiliza conceitos da Ecologia como metáforas. Os conceitos de ecossistema biológico e linguístico são, na verdade, equivalentes, visto que o ecossistema biológico é constituído por uma população de organismos (P) vivendo em determinado *habitat* (T) e interagindo entre si (I). Do mesmo modo, o ecossistema linguístico é composto por uma população (P) em determinado território (T) com seus membros interagindo entre si através da língua (L). Nota-se que o I dá lugar ao L, corroborando a ideia de que língua é interação. Dessa forma, P-T-L são a base de qualquer ecossistema, e L e T só se associam por meio do povo.

Existem quatro ecossistemas que devem ser considerados: 1) o natural, 2) o mental, 3) o social e 4) o integral. Logo, meio ambiente se refere a quatro coisas diferentes:

Tudo depende da pergunta que o investigador fizer. Se ele perguntar se a língua é uma realidade genérica, específica do ser humano, a resposta é sim. Após essa pergunta fundamental, ele pode ainda querer saber se ela é algo natural, mental ou social. Se indagar se ela é um fenômeno natural, a resposta será afirmativa, uma vez que ela se manifesta concretamente como ondas sonoras, é usada por seres de natureza física (biológica), para se relacionarem entre si e com o mundo natural etc. Se perguntar se ela é um fenômeno mental, como faz Chomsky, obterá uma resposta também afirmativa. Por fim, se quiser saber se ela é social, ficará sabendo que ela o é. Vale dizer, ecolinguisticamente a língua é tudo isso ao mesmo tempo. Ela é um fenômeno biopsicossocial (COUTO, 2015, p. 56).

A respeito dos quatro ecossistemas existentes, o ecossistema natural é constituído pelos elementos físicos; trata-se de um povo de carne e osso habitando um território físico e interagindo por meio dos aspectos fisiológicos da língua. “A diferença entre eles e os demais ecossistemas linguísticos é que nele P e T são encarados como entidades físicas, naturais, e L são as relações concretas que se dão entre eles” (COUTO, 2015, p. 57). Aqui, enquadram-se os estudos da fonética, por exemplo.

O ecossistema mental tem como *locus* o próprio cérebro, no qual ocorrem as interações entre os neurônios. Trata-se da mente em funcionamento. Segundo Couto (2015), todo falante possui um mapa mental de seu território e sua língua que é usado nas interações comunicativas. A língua como fenômeno mental subsidia, por exemplo, os estudos gerativistas, neurolinguísticos, entre outros. Não é aleatório que o ecossistema mental ocupe a posição central entre o natural e o social, visto que a mente é a intermediária entre os dois, entre a nossa relação com o mundo.

O ecossistema social, por sua vez, é constituído pelos elementos da coletividade que nos tornam uma sociedade. É o objeto de estudo da Sociolinguística e da Análise do Discurso, por exemplo. Por fim, os três ecossistemas juntos formam o ecossistema integral da língua, visto como um todo através da visão holística adotada pela LE. No ecossistema integral considera-se P e T genericamente.

Além disso, para a LE, a língua está viva quando há pessoas utilizando-a em atos de interação comunicativa (AIC), que fazem parte da ecologia da interação comunicativa (EIC). A EIC é constituída por falante e ouvinte, cenário e regras interacionais e sistêmicas. O cenário consiste no tempo e no espaço da interação, bem como em todos os elementos que os compõem. As

regras interacionais e sistêmicas fazem parte do fluxo interlocucional, que é a troca de turno entre duas pessoas. As regras interacionais são regularidades encontradas nas interações em determinada cultura, que consistem, por exemplo, na distância adequada entre falante e ouvinte, no tom de voz e expressão facial utilizados, a tomada de turno entre eles, a solicitação e o encerramento da interação, dentre outros. As regras sistêmicas, por sua vez, são todos os elementos gramaticais (fonética, morfologia, sintaxe) que fazem parte da interação, portanto, as regras sistêmicas (gramática) são parte das regras interacionais, também elas são interacionais, pois elas contribuem para o entendimento no AIC.

Faz parte ainda da LE a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE), que é o ramo cujo objetivo é analisar e compreender como os discursos emergem dos ecossistemas linguísticos e os sentidos são construídos, levando-se em conta as dimensões natural, mental e social, através de uma visão holística. O discurso, para a ADE, são os efeitos de sentido e valores que emergem na ecologia da interação comunicativa (EIC), pois discurso e interação se pressupõem mutuamente, visto que é na interação que ele se materializa.

A ADE tem como princípios a manutenção do equilíbrio e da harmonia e baseia-se na filosofia da Ecologia Profunda (EP) de Arne Naess (1989): “O questionamento básico é a busca da harmonia e o respeito aos direitos de todos os organismos segundo uma ecoética, o que requer um estado de comunhão entre os participantes” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 16). A EP (NAESS, 1989) apresenta um novo modo de ver o mundo e se relacionar com ele, com mais responsabilidade e consciência, tendo mais respeito por tudo que nos cerca para manter o equilíbrio e a vida. A ADE volta-se para a ideologia da vida, tendo como princípios base evitar o sofrimento e preservar a vida.

ADE e LE partem da visão ecológica de mundo, não da visão ocidental de mundo. Só é possível entendê-las abandonando-se a segunda e seguindo a primeira. No caso, tanto Bakhtin quanto Benveniste se enquadram na segunda.

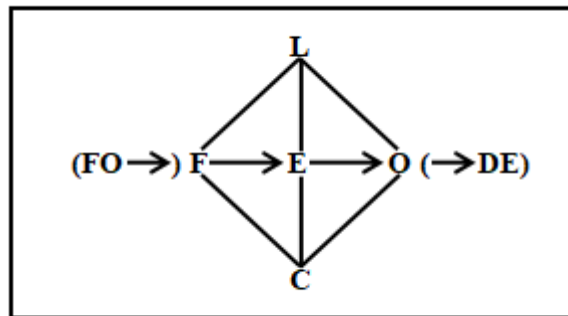
4 Diálogo entre as duas teorias

A Ecologia da Interação Comunicativa (EIC) é o ponto de relação mais forte entre os dois campos teóricos. Como já mencionado, a Linguística da Enunciação vai além dos estudos estruturalistas

e considera aspectos referentes à fala, equivalente aos atos de interação comunicativa. O estudo da enunciação considera aspectos que, pelo viés estruturalista, eram vistos como “exteriores ao sistema”. Para a Linguística Ecológica, como já mencionado, não existem elementos exteriores ao sistema, mas sim elementos de cunho natural, mental e social, ou seja, pertencentes a ecossistemas diferentes. Ou melhor, como para a LE o sistema (regras sistêmicas) é parte da interação (regras interacionais), não há como separá-los.

No que diz respeito à EIC, Couto (2007, p. 110) apresenta um modelo de comunicação que contém sete constituintes. São eles: falante (F), enunciado (E), ouvinte (O), língua (L), contexto (C), fonte (FO) e destino da informação (DE), conforme apresentado abaixo:

Fig. 1 – Modelo de comunicação



Fonte: Couto (2007)

Aqui vale a pena lembrar outro precursor da Linguística da Enunciação, Roman Jakobson, que propõe a teoria das funções da linguagem, na verdade, retomando ideias de Bühler, que elabora um esquema contendo o mundo, o locutor e o destinatário. Para ele, “o enunciado linguístico é, essencialmente, o ato de significar algo (representação) por alguém (o locutor) a outro alguém (o destinatário). Têm-se aí as três funções da linguagem: representativa, apelativa e expressiva” (FLORES, 2017, p. 23). Jakobson amplia esse esquema, acrescentando as funções referencial, expressiva e conativa (referentes, respectivamente, ao código, à mensagem e ao contato).

Vale ressaltar que nenhum dos demais modelos leva em conta FO e DE do modelo de Couto (2007) que, mesmo tendo origem nos engenheiros da comunicação, se referem à presença, mesmo que virtual, de aquele(s) ou aquilo que está(ão) junto com falante (F), ou se referem a ele, ou seja, “os seus”, o seu *background* social, e aquele(s) ou aquilo que está(estão) junto com o ouvinte ou se referem a ele, ou seja, “os seus”, o seu *background* social, e aquele(s) que

está(estão) junto com o ouvinte. A essas duas entidades tem-se dado o nome de ELE₁ e ELE₂, respectivamente (COUTO, 2021, p. 78-80).

Pode-se dizer que falante equivale ao emissor, ouvinte equivale ao receptor, língua equivale ao código e contexto recebe a mesma nomenclatura nos dois modelos. Além disso, Couto (2017) fala também em dois tipos de interação: a referenciação e a comunicação, equivalentes às funções referenciais e apelativa/conativa de Jakobson. É importante ressaltar, entretanto, que na LE não há a reificação da língua: ela não é um instrumento para a interação, e sim a própria interação. Tanto que para ela o núcleo da língua são os AIC, com suas regras interacionais. Por isso, não se pode dizer que o “sistema” é a interioridade da língua/linguagem.

Além disso, tais modelos não são exatamente iguais, visto que Jakobson considera o receptor como um elemento passivo, que apenas recebe a mensagem que chega até ele sem apresentar uma atitude responsiva. Couto, por sua vez, quando se refere à comunicação, fala em fluxo interlocucional, no qual há troca de turnos e ouvinte se torna falante e vice-versa – o que Benveniste define como intercambialidade.

Essa atitude responsiva remete-nos ainda à teoria de Bakhtin, que afirma que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2016, p. 24). Para o autor, ainda, a interação e o diálogo são as noções centrais da enunciação:

Bakhtin mostra sua concepção de enunciação como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, mesmo que o interlocutor seja uma virtualidade representativa da comunidade na qual está inserido o locutor, e propõe, dessa forma, a ideia de interação verbal realizada por meio da enunciação. A unidade fundamental da língua passa, assim, a ser o diálogo (FLORES, 2017, p. 49).

Nota-se aqui, mais uma vez, a inter-relação com a Linguística Ecológica, que valoriza bastante o conceito de interação. Bakhtin traz ainda a ideia do dialogismo, de que há uma conexão entre ideias, pessoas e textos, de que nenhum enunciado é isolado, o que corrobora com a ideia de porosidade e holismo da Linguística Ecológica.

A porosidade, também chamada de abertura, diz respeito às trocas entre os ecossistemas. “Todo ecossistema envia e recebe energia de ecossistemas adjacentes. Há um fluxo constante de energia e informação entre eles, quando não pelo fato de não estarem separados por fronteiras claramente delimitadas” (COUTO, 2013, p. 17). O holismo, por sua vez, consiste em olhar para o

todo, visto que tudo está interligado e o mundo ser uma teia de inter-relações. Couto utiliza ainda o termo dialógico para explicar o holismo:

No caso da língua, o estudioso parte da ecologia da interação comunicativa, que encara o processo dialógico como um todo, compreendendo falante e os que estão com ele ou os seus, ouvinte e os seus etc. Tudo está interligado no todo da interação comunicativa. A língua está intimamente ligada a seus falantes, que estão intimamente ligados ao meio em que vivem” (COUTO, 2013, p. 18).

Outra categoria de análise de interesse aqui é a diversidade. A diversidade é vital para a sobrevivência de um ecossistema, tornando-o mais rico e sólido. Igualmente, na Linguística da Enunciação, a diversidade de teorias não é vista de modo negativo: “supor a existência de um campo - a linguística da enunciação - não significa propor a hierarquização de teorias, mas instituir um ponto de vista segundo o qual, respeitadas as diferenças, é possível vislumbrar unicidade na diversidade” (FLORES, 2017, p. 101). Ou seja, a diversidade compõe uma teia de relações de modo que é possível falar na existência de um campo de estudos sem homogeneizá-lo. De qualquer forma, na linguística ecossistêmica o conceito é bem mais amplo.

A enunciação, conforme já dito, é irrepetível, visto que, segundo Benveniste, o quadro eu-tu-aqui- agora, equivalente às condições de pessoa, espaço e tempo, nunca são os mesmos. Isso equivale a dizer que, ao se analisar uma interação comunicativa, o ecossistema linguístico é sempre único, já que a enunciação (L) depende das condições de tempo, espaço (T) e pessoas (P). Uma diferença fundamental entre a Teoria da Enunciação, sobretudo a versão de Benveniste, e a Linguística Ecossistêmica é que a primeira continua reificando a língua: Benveniste diz claramente que sua teoria é um pôr em prática a língua, ou seja, uma realização do sistema.

É importante ressaltar que a Linguística da Enunciação postula a organização do sistema como repetível e universal, enquanto a Linguística Ecossistêmica vê as regras sistêmicas como parte das regras interacionais. Mas, ainda assim, pode-se dizer que os dois campos teóricos pressupõem a importâncias das condições únicas presentes em cada ato de interação comunicativa para se analisar o fenômeno linguístico, e, na ecologia da interação comunicativa, percebem-se os pontos de encontro entre as duas teorias.

Enfim, há muitas semelhanças entre a Linguística Ecossistêmica e a Linguística da Enunciação. No entanto, a Linguística Ecossistêmica vai muito além das inovadoras concepções da linguística da enunciação. Entre as inovações, poderíamos salientar: 1) inserir o estudo da língua, e a própria

língua, em um ecossistema (linguístico); 2) incluir no modelo da interação comunicativa não apenas “eu”, “tu” e “ele”, mas também ELE_1 (que está do lado de “eu”) e ELE_2 (que está do lado de “tu”); 3), a ecologia da interação comunicativa é mais abrangente do que a enunciação de Benveniste e Bakhtin e outros.

Destaca-se, ainda, que a LE vê na ecologia da interação comunicativa não uma realização da língua, pois essa postura pressupõe a concepção de língua como “instrumento de comunicação”, reificando-a. Afirmar que a fala é a realização da língua, como o fazia, por exemplo, Benveniste, implica que a fala é subordinada à língua, e não que o sistema (regras sistêmicas) é um construto forjado pelo linguista observando os diversos AIC (atos de fala). Isso implica que a língua é um instrumento de comunicação, não a própria comunicação. O mesmo se pode dizer a respeito da ideia da interação, que está presente em Bakhtin, mas com ênfase no produto (texto) desse processo, não nos interlocutores como faz a LE, considerando o fluxo interlocucional como o núcleo da língua/gem.

Evidencia-se, dessa forma, que um diálogo entre as duas teorias pode se mostrar bastante produtivo, visto que há a presença de traços das teorias da enunciação nos pressupostos da LE, que os reelabora e apresenta uma nova perspectiva. O estudo dessas inter-relações, portanto, pode não apenas elucidar os percursos traçados pela LE para a reformulação desses conceitos, como também pode abrir caminhos para pesquisas que se embasem nas duas vertentes simultaneamente, inovando ainda mais as possibilidades de trabalho nos estudos linguísticos.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores: Autor.a 1 - Mayara Macedo Assis

Conceitualização, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Autor.a 2 – Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto

Conceitualização, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Nacional/Edusp, 1976.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. 10 anos de Ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretações. In: *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 45-64.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do & Eliane Marquez da Fonseca Fernandes. *Análise do discurso ecosistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecosistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Thesaurus Editora, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à linguística da enunciação – 2. Ed.; 4ª reimpressão*. – São Paulo: Contexto, 2017.
- PAULA, Luciane de. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. *Revista de Estudos da Linguagem*, p. 239-257, 2013.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. *Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores*. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011.